

## USOS DO DICIONÁRIO

Prof. Dr. Amós Coelho da Silva (UERJ /ABRAFIL /CIFEFIL)

**RESUMO:** A não ser que se investigue em dicionários, como seria possível, relacionar “alto, aluno, adolescente, alimento” como família cognata, cuja base seria do latim alo, alis, alēre, alui, altum / alitum (alimentar)? A capacidade de inovação na língua literária e padronização da língua usual. A deriva da língua, ou seja, orientações de mudanças embutidas ou encapsuladas numa fase linguística: ou ainda, como a denominou Serafim da Silva Neto: tendência linguística. A interação social no mundo da comunicação entre os indivíduos. O problema da evolução fonética, como história interna do português, em contraste com a analogia na língua. Iracema é anagrama de América?

**Palavras-chave:** dicionário; evolução histórica; analogia.

### 1 – Introdução

Tendo em vista que *a Grécia dominada superou o seu feroz vencedor e introduziu no agreste Lácio as artes, Graecia capta ferum victorem cepit et artes /Intulit agresti Latio* (Horácio, Epist., Livro II,1,156), iniciaremos por esboçar o estudo gramatical entre os helenos. Francesco Della Corte admite como textos de primeira investigação filológica na Hélade *Crátilo* e *Íon*, de Platão e *A Poética*, de Aristóteles, *i quali tuttavia più che di filologia si occuparono di etimologia l'uno e della condizione dei poeti, l'altro*. Todavia, a iniciativa deu-se na era de Pisístrato, século VI a.C., *qui primus Homeri libros confusos antea sic disposuisse dicitur ut nunc habemus, o qual, de modo pioneiro, afirma a tradição, organizou, assim até então, esparsos livros de Homero como o temos nos dias de hoje.*(Cíc. *De oratore*, III, XXXIV) Se Eratóstenes aplicou a si mesmo o epíteto de filólogo na Grécia, em Roma o *philologus* foi Ateius Praetextatus (séc. I. a.C.).

Os resultados práticos e as teorias gramaticais, atrelados principalmente à filosofia, foram transportados para Roma e daí para o Ocidente. Crates de Malos, séc. II a. C., durante um contato diplomático com o poder público romano, estendeu sua estada em Roma e passou o tempo livre realizando comunicações sobre temas filológicos. Como fosse ligado ao estoicismo, que partiu dos fundamentos platônicos, ensinou princípios da linguagem como ‘phýsis’, natural. Pertencem aos estóicos abordagens como ocorrências onomatopaicas e o simbolismo sonoro; muito desse estudo passou a

uma etimologia fantasiosa; no entanto, o que séculos mais tarde Ferdinand de Saussure tomaria como uma de suas dicotomias, *signifiant et signifié*, os estóicos formalizaram como oposição entre forma e sentido. Estudaram, com especial atenção, e em separado, a prosódia, a etimologia e as relações entre as palavras e o que elas significam. Quando os estóicos de Pérgamo, no século IV a. C., acreditaram na anomalia (an-= privação; omalós= igual; sufixo -ia) como princípio linguístico, partiram do ponto de vista que o surgimento da língua era natural, e não convencional, como era sustentado pelo pensamento dos filólogos de Alexandria. Para estes, de influência aristotélica, uma segunda escola gramatical, a língua é, por convenção de agrupamentos humanos, analogia (ana= repetição; log- discurso, palavra; sufixo -ia), regularidade, proporção, enfim *ratio*, razão.

Mas como Cícero, que deu nome a uma era, se posicionou diante disso? Procurou de pronto no dicionário latino nomes que correspondessem aos gregos, rejeitando termos como ‘etymología’ e ‘sýmbolon’ e adotando em seu lugar *nota - sinal, marca e notatio - ação de marcar um sinal; observação, exame* – sendo que substituiu este último pelo neologismo *ueriloquium, dizer a verdade*, fundamentado na explicação popular sobre a palavra (*uerbum*), *daí uerbum boare, clamar a verdade* e correspondente ao grego ‘étymon légein’, *dizer a verdade*. Podemos observar pelo comentário de Quintiliano (século I d.C.) que a fixação do termo etimologia seria inevitável: *‘Etymología’ quae uerborum originem inquirit, a Cicerone dicta est notatio, quia nomen eius apud Aristotelem inuenitur ‘sýmbolon’, quod est nota. Nam uerbum ex uerbo ductum, id est ueriloquium, ipse Cicero, qui finxit, reformidat. Sunt qui, uim potius intuiti, originationem uocent.*(1,6,28), *Etimologia, que investiga a origem das palavras, foi denominada por Cícero de notação, porque o nome dela encontra-se em Aristóteles como símbolo, como marca ou sinal. A esse respeito, retirando uma palavra de outra, isto é, formando “ueriloquium”, a qual (=a expressão etimologia) o próprio Cícero receia. Existem os que, antes por força de observação, a denominam “originationem”.*

A proposta platônica no *Crátilo* fora um exame etimológico, no sentido pontualmente grego, ou seja, atualmente etimologia é empregada no sentido de formação de palavras, mas para Platão: ‘étymos’ = verdadeiro; ‘-logos’ = palavra, discurso; sufixo ‘-ia’, direcionando o escopo de sua pesquisa para a filosofia, ou seja, a busca da verdade e há de chegar à decepcionante conclusão da precariedade da linguagem em retratar a realidade exterior. Como ar em grego tem a forma ‘aer’, foi

relacionada a sua etimologia a levantar ('árei'), por causa da forma, pois o ar levanta coisas do chão; o nome 'héros', herói, ligando-se a 'éros', amor, pois seria filho do amor – desprezando as respectivas vogais 'e' longas nas primitivas, das quais não poderiam derivar as breves 'e' nas segundas. É que Platão queira alcançar a 'ousía', e não a 'alétheia' oferecida como resposta na investigação da linguagem.

Sob domínio de Alexandre Magno, mais ou menos 323 a.C., a Grécia ingressa numa nova era, que é a Época Helenística, que costuma ser datada a partir da morte de Alexandre em 323 a.C. Surgiram duas grandes cidades, dotadas de biblioteca admirável. A de Pérgamo era representada pelos filósofos estóicos, defensores da origem natural da linguagem, interpretando desse modo as estâncias paradigmáticas da linguagem, ou seja, as categorias formais e suas significações. Por exemplo, como pode uma única cidade ter um nome no plural, como *Athenai*, *Atenas*, *Thebai*, *Tebas*. A de Alexandria de filólogos, como Eratóstenes, já citado acima, foi um dos diretores da biblioteca de Alexandria. São os editores de Homero que construíram princípios de metodologia da ecdótica, a ciência da edição de livros.

Os avanços da investigação clássica se realizaram pela sucessão cronológica: de Platão aos estóicos de Pérgamo e de Aristóteles aos pesquisadores de Alexandria. A doutrina, encadeada desde Platão aos estóicos, ainda que nos pareça caricatural à luz da ciência filológica moderna, por exemplo, em Nigídio Fígulo (final do século II a.C.), (*apud* Aulo Gélio, II d.C.), foi bastante seguida e fundamentada com explicação onomatopaica. Na abordagem de Nigídio, a palavra era tomada como mimese do objeto denotado através da articulação vocal sonora. De modo que, em "uos" o ar vai para frente, porque é pronome de segunda pessoa e o seu significado com quem se fala: portanto, de acordo com a expiração do ar.

Varrão, Marcus Terentius Varro (116 – 27 a.C.), evitou empregar 'etymología' e, em seu lugar, usou a perífrase *origo uerborum* ou *uocabulorum*, *origem das palavras*.

No livro V, *De Lingua Latina*, Varrão anuncia que vai expor a ciência que os gregos chamam de etimológica, *quam Graeci uocant 'etymologikén'* (com letras gregas). Há preocupação epistemológica em Varrão: *...praesertim cum dicat 'etymologiké' non omnium uerborum posse dici causam..., particularmente visto que se denomine um etimólogo, não poderia ser explicada a razão de todas as palavras...*(*L. Latina*, VII,4) Foi aluno de Aelius Stilo (final do séc. II a.C.), que teve o mérito de interpretar o antigo *Canto dos Sális* e ser especialista em literatura latina, mas, no domínio da etimologia, encontra a negação de Varrão. É que o seu argumento é estóico,

mas se constitui em uma abordagem falha: analisa a razão da origem da palavra pela herança estóica ‘katà antíphrasin’, traduzida por Francesco Della Corte como *per imagine contraria*, assim o comentarista italiano explica a abordagem etimológica de *miles*: *militem Aelius a mollitia ‘katà antíphrasin’ dictum putat, eo quod nihil molle sed potius asperum quid gerat, Élio julga o termo miles(soldado) proveniente por antífrase de mollitia (brandura), o que não é mole, mas que, de preferência, gera o áspero.*(p.107)

A restrição de Varrão é quanto à sua predileção pela etimologia *e contrario*, por *antífrase*; daí dizer Élio que *caelum (céu) provém de celatum (oculto, escondido), porque o céu é apertum (descoberto)*. Mas Varrão também condenou a descrição etimológica de *lepus (lebre) provém de leupes*, como comenta Jean Collart, Varron Grammaireien Latin, p.257. Aliás, a fama de etimologias fantasiosas de Élio fez rir Quintiliano (I,6,34): *uolpes, quod uolat pedibus, volpes (raposa) porque voa pelos pés*, ou seja, volpes seria a reunião vol + pés. Isso chegou até nós pelo *De Lingua Latina*, V, 101, de Varrão.

Desse modo, um etimologista, no conceito de Varrão, confessaria a impossibilidade de ir além de certo ponto por falta de fontes fidedignas. Não é o caso de *equus (cavalo)*, que apresenta as cognatas *equites(cavaleiros, membros dessa ordem), eques (cavaleiro, homem a cavalo), equitatus (ação de andar a cavalo)(LL., VII, 4)* E este certo ponto ele define como *uerba primigenia, literalmente palavra primitiva*.

A partir dos estudos do indo-europeu, tronco linguístico hipotético, com ancestral comum há 3.000 anos a.C., através dos estudos comparativistas, tornou-se propício o advento da linguística, e, em consequência, a etimologia assumiu uma averiguação de base científica. Um dos aspectos importantes é a possibilidade de se estabelecer uma correspondência entre as línguas irmãs e a matriz. De modo que, ao conseguirem relacionar o elemento “p” do latim (por ex.: *pes, pedis – pé; pater; pro*), correlato com o grego (*pous, podós; patér; pró*), ao “f/v” do alemão (*fuss, vater. von*), correlato com o inglês (*foot, father; for*); o elemento “t” do latim (*tres*), correlato com o grego (*treis*), ao “d” do alemão (*drei*), correlato com o inglês “th” (*three*); o elemento “f” latino (*fero – levar*), correlato com o grego (*phéro*), ao elemento inglês (*bear*) e, assim, foi fixado todo um aparato de paradigma fonético entre os dialetos indo-europeus, (latim, grego, sânscrito – a língua clássica da Índia – e as línguas germânicas), indicativos de raízes hipotéticas, como \*dyew - base onde repousa o genitivo de Ζεύς, ou seja: Διός – que significa luz, claridade, genitivo grego bem próximo a *dies, diei*, do

latim, que é o nosso dia. Então, como *Iuppiter*, correspondente do grego Zeus? O elemento do termo latino é evolução da base *Iou-*, proveniente de *\*dyew*; donde, *Iuppiter* vem de *Iou* mais *pater* (alternado para *piter*), isto é, o pai da luz / claridade.

Quintiliano, depois analisar o desdobramento da metáfora em outras possibilidades de figura de linguagem, afirma sobre a importância da metáfora na composição do vocabulário:

*Copiam quoque sermonis auget permutando aut mutuando quae non habet, quodque est difficillimum, praestat ne ulli rei nomen deesse videatur. Transfertur ergo nomen aut verbum ex eo loco in quo proprium est in eum in quo aut proprium deest aut tralatum proprio melius est.*(*INSTITVTIO ORATORIA*, Líber VIII, 6, IV)

*Também (a metáfora) aumenta a quantidade de palavras (com) o que não tinha permutando ou alterando, cada coisa que é muito difícil; põe à disposição (a quantidade de palavras) para que não pareça faltar o nome de alguma coisa. Transfere-se, portanto, o nome ou o verbo de um ponto ao que é próprio nele ou ao que falta de próprio, ou ainda é transferido melhor do que o próprio.*

A passagem acima é mencionada por Michel Bréal (1992): *É graças à metáfora, segundo observa Quintiliano (VIII, 6), que cada coisa parece ter seu nome na língua.*

Em edições antigas, liam-se mais considerações sobre dois exemplos: *linha e ponto* de Othon M. Garcia, retirados do *Dicionário de Laudelino Freire*. O Autor de *Comunicação em Prosa Moderna* afirmou naquelas edições que as palavras *linha e ponto* teriam, respectivamente, 165 e 117 sentidos. A do ano 2002 se restringe a dizer *cerca de cem acepções* (p.176). Inclusive, é interessante refletirmos quais seriam aqueles sentidos?

Uma outra citação de Othon M. Garcia é a de Karl Bühler a respeito das funções primordiais da língua. Assim, para expressar o mundo biossocial, temos na tradução do Mattoso Câmara<sup>1</sup>, a função “representativa”, sempre que usarmos a língua em sua capacidade de fazer um recorte do mundo exterior, o que podemos também denominar como denotação. Se a finalidade for exprimir sentimentos, exploraremos a função de “exteriorização psíquica”. Na tradução de Roman Jakobson para a língua portuguesa, se fala em função “emotiva”, que parece termo mais simples e eficaz. Ao contrário da tradução que foi feita de Roman Jakobson para o português, quanto à finalidade persuasiva de língua, ou seja, “conativa”, o termo “apelo” – “apelo” está em

---

<sup>1</sup> Othon M. Garcia, neste passo, não cita expressamente Mattoso Câmara, mas está em sua bibliografia.

*Comunicação em Prosa Moderna* - ou “atuação social” e que foram palavras indicadas por Mattoso Câmara, e nos parecem mais precisas.

## 2 – A INTERAÇÃO SOCIAL

Na Poética, Aristóteles (Origem da Poesia) diz que imitar é da natureza dos homens, pois sentem prazer nisso, porque aprendem. O Prof. Serafim (1970) cita considerações sociológicas de Gabriel Tarde (p.24) sobre a questão da imitação e sua ocorrência no interior das camadas sociais através de um jogo de gradações com tendências de imitação e seleção. Em resumo, demonstra o rico imitado pelo pobre, a cidade imitada pelo campo e, como a classe social mais elevada se comporta, evitando as peculiaridades das camadas sociais inferiores, imitando antigos modelos do passado e, como quem imita sempre apresenta novidades, cria neologismos, mas tornando-se conservadora.

Enfim, chega-se a analogia. O Prof. Gladstone (1967), ao invés de responder por que se deu a ruptura da *‘forma latina’ e se lhe sucederam as ‘formas neolatinas’* e possibilidade de novas rupturas com novas filiações lingüísticas, preferiu esclarecer a questão por dois caminhos: “O Papel da Analogia na Língua” e “Causas e Efeitos da Evolução Fonética”. Como vimos anteriormente os antigos gramáticos, mais ou menos, denominaram esta questão como “anomalia” e “analogia”. O fato é que é inevitável a evolução, que deforma – como a tendência popular ao diminutivo de *auris (ouvido)* para *aurícula*, que eles ouviam *auricla*, que logo passou a ser ouvida *oricla* e, finalmente, *orelha*. Mas a formação do português arcaico, ou seja, o português anterior a Luiz Vaz de Camões, era constituído de um vocabulário muito pequeno, porque, neste momento histórico, a deriva da língua que abastece as necessidades de comunicação é pobre. As criações românicas se ativeram no campo mais propriamente gramatical, como 1) o artigo “o, a, os, as” que veio do demonstrativo latino *illum, illam, illos, illas*; 2) as formas de futuro do presente e do pretérito; 3) o pronome pessoal de terceira pessoa: ele, ela, eles, elas (da forma *ille*, por analogia aos adjetivos flexionou em ela, eles, elas). O esquecimento semântico de “cum” em “mecum” (e similares) tornando-se *–migo*, com anteposição “co-”, daí “comigo”, quer dizer, uma das múltiplas ações da analogia. O antigo dativo “illi” passando a “lhe”, bem “mihi” a “a/para mim” etc.

A formação do vocabulário se dá com a continuidade lingüística, a importação estrangeira, que ocorre por força dos contatos com outros os povos, e a derivação

vernácula, a partir da relatinização de um aporte de adaptações fono-morfológicas herdadas da evolução do Latim Vulgar. O romance<sup>2</sup> lusitano, falado pelos suevos, visigodos e os habitantes do território ocidental da Península Ibérica, apresentavam um idioma sem estabilidade. Deixaram de falar “equus” (cavalo), “domus” (casa), “bellum” (guerra), “ludus” (jogo), porque estas palavras pertenciam ao hábito do nobre romano. Se não tivesse acontecido a intervenção de escritores, dentre os quais o principal fora Luís Vaz de Camões, considerado o marco inicial do português moderno, não teríamos um vocabulário tão rico nos nossos dias com mais de trezentos vocábulos – além do que isso testemunha a importância da escrita para os povos civilizados em relação à língua oral -, porque no processo histórico de evolução do latim para o português só no restariam aqueles étimos do caso lexicogênico, ou seja, o caso a que foi reduzido o Latim Vulgar no trajeto para a formação dos romances, como as palavras existentes desde o português arcaico inteiro, trevas, cadeira, resultantes da simples evolução.

Com a relatinização do português quinhentista, uma considerável ampliação vocabular, às vezes, relatinizando termos arcaicos, como *avondança* e *esmar*, em abundância e estimar, calcados no latim clássico *abundantia* e *aetinare*, ou por neologismos, como *potestate*, tirado do latim clássico *potestas*, bem como um nova formação de substantivo composto: *grandiloquente*, proveniente do modelo de inovação em Latim Clássico de Lucrécio, introdutor do epicurismo grego, linguagem filosófica difícil de trasladar para o latim, que tinha perdido múltiplos elementos mórficos na sua evolução histórica do indo-europeu, donde a necessidade de criar em parêntese com o grego: neologismo de substantivos compostos. Ora, Lucrécio, como elo de uma corrente da formação da língua literária latina, notou que havia uma *rerum nouitatem, novidade de assunto* (*De rerum natura, I, 139*), entre os gregos, exigindo uma criação de neologismos para que se pudesse dar competência ao idioma do Lácio, superando a *egestatem linguae* (idem), *a pobreza da língua (latina)*; por isso, no seu esforço de expressão clara, recriou um novo item de processo de formação vocabular, compondo em latim uma nova forma, que contém numa única palavra uma estrutura frasal, como era comum entre os gregos, como nestes três exemplos do livro I: *squamigerum* (v.162) (*squamirger* = *squama* + *ger-* – o que leva escama sobre si); *siluifragis* (v.275) (*siluifragus* = *silua* + *frag-*, o que quebra as árvores das florestas); *montiuagus* (v.403)

---

<sup>2</sup> Romance ou romance (CÂMARA JR., s/d) provém da locução “Romanice loqui, falar uma língua românica”, e não “falar latim, latine loqui”. Como as obras de ficção eram redigidas em romance de cada local, passou a ser também a designação da própria obra.

(mons +vagus – o que percorre as montanhas); *frugiferentis* (v. 3, frux, + fer-, produção de legumes) etc. Por analogia, surgirá, p.ex., naufragium (nau + fragus – quebrada), como forma vernácula, ou seja, sem ser estrangeirismo.

O nosso moderno dicionário Houaiss eletrônico já dispõe de duas leituras: uma é o Dicionário da Língua Portuguesa e a outra é Dicionário de Elementos Mórficos. Eis um exemplo:

Sterno, sternis, sternere, stravi, stratum – estender

-ster- elemento de composição

interpositivo, de uma raiz i.-e. \**ster-* 'estender' (prov. conexa com a raiz do lat. *struere*, ver *-stru-*), com representantes já no sânsc., já no germ., já no gr., já no lat. (nas línguas român. em geral); no port., há voc. advindos: **1)** do gr. *stratós,ou* 'exército; frota, armada; p.ext. bando; povo', fonte, no gr., de *stratégós,ou* 'chefe do exército; general', *stratégía,as* 'comando de um exército', *stratégikós,ê,ôn* 'relativo a tal comando', *stratêgema,atos* 'manobra de guerra; p.ext. ardil de guerra'; ver <sup>1</sup>*estrat(i/o)-*; **2)** do gr. *stérnon,ou* 'parte larga e plana que forma a frente do peito; peito (de homem ou de mulher) etc.'; ver *estern(i/o)-*; **3)** do v.lat. *sternó,is,strávi,strátum,sternère* 'estender; deitar à terra', fonte no lat. de f. em *-stern-* e *-strat-*, tais como: **a)** lat. *strata,ae (via)* 'estrada, caminho coberto de pedras; pista de rua etc.', ver *estrad(a)-*; **b)** lat. *strátum,i* 'leito, cama; coberta de cama', ver <sup>2</sup>*estrat(i/o)-*; **c)** v.lat. *consterno,as,ávi,átum,áre* 'abater; p.ext. espantar, atemorizar, perturbar etc.' (f. intensiva em *-á-* de *consternère* 'abater'), donde, no port., os voc. *consternação, consternado, consternador, consternante, consternar, consternável*; **d)** v.lat. *prosterno,is,strávi,strátum,sternère* 'deitar abaixo, derrubar, estender por terra; fig. arruinar, estragar etc.', fonte, pelo fr. *prosterner* (sXV), do v.port. *prosternar* (sXIX), donde os segg. voc. port.: *prosternação, prosternado, prosternamento, prosternante, prosternativo, prosternável*; **e)** lat. *prostrátum* (< v.lat. anterior), donde o v.lat. \**prostráre* (representado nas línguas român. em geral), fonte do port. *prostrar* (sXVII) e de seus der. *prostração, prostrado, prostrador, prostramento, prostrante, prostrável*; **f)** v.lat. *substerno,is,strávi,strátum,sternère* 'estender por baixo, estender no chão', fonte do lat. *substrátus* 'ação de estender por debaixo', donde o port. *substrato* (esp. *substrato*, fr. *substrat* etc.); **g)** lat. *stramen,ínis* 'o que se estende no chão; palha estendida; cama etc.' e lat. *straméntum,i* 'cama (de palha); coberta, manta etc.', fontes dos voc. port. *estrame* (sXVII) e *estramento* (sXIV); **h)** lat. *stráges,is* 'ruína;

devastação etc.' (f. em -g-), fonte do v.lat. \**stragáre* 'assolar, devastar, avariar etc.', ver <sup>1</sup>*estrag-*; **4**) do fr. *adstrat* e do fr. *superstrat*, formados, à feição erudita (de *ad-* ou *super-* + lat. *strátus*), segundo o modelo de *substrat*, os voc. port. *adstrato* e *superstrato/superestrato*

-stru- elemento de composição

interpositivo, de v. (e seus cog.) der. do v.lat. *strùo, is, uxi, uctum, ère* 'dispor em pilhas, empilhar (materiais), reunir, ajuntar, amontoar, criar, construir, erguer' em cultismos e semicultismos **1**) do v.lat. *constrùo, is, uxi, uctum, ère* 'amontoar, acumular, empilhar, levantar, construir, edificar', a partir do sXIV: *construção, constructal, constru(c)to, construção, construído, construidor, construir, construtível, construtividade, construtivismo, construtivista, construtivístico, construtivo, construtor, construtora, construtura; inconstruível, inconstruto; reconstrução, reconstruído, reconstruinte, reconstruir, reconstrutivo, reconstrutor; 2) do v.lat. *destrùo, is, uxi, uctum, ère* 'destruir, arruinar, aluir, derrubar', desde as orig. da língua: *destróier* (< ing. *destroyer*), *destruição, destruído, destruidor, destruímento, destruir, destruível; estruição, estruir; indestrutibilidade, indestrutível, indestruto; 3) do v.lat. *instrùo, is, uxi, uctum, ère* 'erguer, levantar, construir, pôr em ordem, formar, dispor, preparar, prover, fornecer de; ensinar, instruir', desde as orig. da língua: *desinstruído, desinstruidor, desinstruir, desinstruível, desinstrutor; instrução, instrucional, instruendo, instruído, instruidor, instruidote, instruir, instruível, instrumentação, instrumentado, instrumentador, instrumental, instrumentalismo, instrumentalista, instrumentalístico, instrumentante, instrumentar, instrumentária, instrumentário, instrumentativo, instrumentável, instrumentismo, instrumentista, instrumentístico, instrumento, instrutivo, instruto, instrutor, instrutório, instrutura; 4) do v.lat. *obstrùo, is, uxi, uctum, ère* 'construir diante ou do lado, fechar, tapar por uma construção, obstruir', do sXVIII em diante: *desobstrução, desobstruência, desobstruente, desobstruído, desobstruidor, desobstruímento, desobstruinte, desobstruir, desobstruível; obstrução, obstrucionismo, obstrucionista, obstrucionístico, obstruente, obstruído, obstruir, obstrutividade, obstrutivo, obstrutor; 5) do v.lat. *strùo, is, uxi, uctum, ère* 'dispor em pilhas etc.', do sXVIII em diante: *desestruturabilidade, desestruturação, desestruturado, desestruturador, desestruturante, desestruturar, desestruturativo, desestruturatório, desestruturável; estrutivo, estrutura, estruturação, estruturado, estruturador, estrutural, estruturalismo, estruturalista, estruturalístico, estruturamento,*****

*estruturante, estruturar, estruturável; infraestrutura, infraestrutural; reestruturação, reestruturado, reestruturador, reestruturar, reestruturável; subestrutura, subestrutural; 6) do v.lat. substrūo, is, uxi, uctum, ère 'fazer uma construção subterrânea, deitar alicerces; lançar os fundamentos, construir embaixo ou ao pé', do Renascimento para cá: substrução, substrutura; a cognação inclui ainda indústria e derivados; ver industri-*

### 3 – Conclusão

Valendo-se de suas próprias possibilidades, podem ser cunhadas em português uma infinidade de palavras através da prefixação e sufixação, por isso a consulta ao dicionário tem que ser criteriosa e devem ser lidas, mais ou menos, três para cima e três para baixo. Ainda ocorrem formas do tipo 1, 2, 3 etc., porque provenientes de idiomas estrangeiros, como a forma “oxalá”, que pode ser oriunda do árabe ou do iorubano. Não há de se confundir a forma temática que se apresenta em homonímia, porque o dicionário distinguirá o grupo ou grupos de família etimológica. Assim, “pedologia” deve ser incluído na sua matriz convenientemente, já que a adaptação fono-morfológica obscurece o radical grego:

- a) pedologia, s.f. estudo da criança em todas as suas fases. (do gr. pais, paidós, criança, logos, tratado, e suf. -ia).
- b) pedologia, s.f. Conjunto de estudos científicos sobre os solos.(do gr. pédon, solo, tratado, e logos, suf. -ia).

Além disso, a consulta pode ser mais complexa. Lendo Castro Alves encontramos: “Lá no solo onde o cardo apenas medra(...)”(Vozes d’África). Ao estranhar “medrar” deve-se ir ao dicionário, e lá, se lerá que é um termo da botânica e significa “crescer (vegetais); brotar”, portanto uma falsa aparência de cognato de “medrar: sentir medo (regionalismo brasileiro)”.

Há múltiplos tipos de dicionário, como o de símbolos, o de mitologia, o de termos gramaticais, o de termos literários, o de linguísticas etc. É numa fonte especializada em etimologia que devemos consultar a relação etimológica “alto, aluno, adolescente, alimento” como família cognata, cuja base seria do latim *alo, alis, alēre, alui, altum / alitum* (alimentar) e assim outras consultas mais específicas. Não há nenhum apontamento nos escritos de José de Alencar com intenção de demonstrar Iracema como anagrama de América. Ao indicar tal afirmação é preciso realçá-la como

uma descoberta apenas instigante, mas não como uma leitura absolutamente “lógica”, ainda mais se se tratar de uma aula para que o aluno não deixe de se sentir alimentado.

#### **4 - Referências bibliográficas:**

BRANDÃO, Junito de Souza. *Dicionário Mítico-etimológico da Mitologia Grega*. Petrópolis: Vozes, 1992. Vols.I-II.

\_\_\_\_\_. *Dicionário Mítico-etimológico da Mitologia e da Religião Romana*. Petrópolis, Vozes, 1993.

CÂMARA JR., J. Mattoso. *Dicionário de Filologia e Gramática*. Rio de Janeiro: J.Ozon, s/d.

CHARAUDEAU, P. & MAINGUENEAU, D. *Dicionário de Análise do Discurso*.

Tradução coordenada por Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004.

CHEVALIER, J. & GHEERBRANDT, A. *Dicionário de Símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio Eletrônico*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em Prosa Moderna*. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J.B. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: 1988.

MELO, Gladstone Chaves. *Iniciação à Filologia Portuguesa*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1968.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de Termos Literários*. São Paulo: Cultrix, 1974.

ROBINS, R.H. *Pequena História da Linguística*. Trad. Luiz M. M. de Barros. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979.

SILVA, Amós Coêlho da. & MONTAGNER, Aírto Ceolin. *Dicionário Latino Português*. Petrópolis:Vozes, 2009.

SILVA NETO, Serafim *História da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Olimpica, 1970.

TEYSSIER, Paul. *História da Língua Portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

TOSI, Renzo. *Dicionário de Sentenças Latinas e Gregas*. Trad. Ivone C. Benedetti. S.Paulo: Martins Fontes, 1996.

TRASK, R.L. *Dicionário de Linguagem e Linguística*. Traduzido de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004.